

A LINGUAGEM DOS EMOJIS COMO RECURSO PEDAGÓGICO: EMOÇÃO REPRESENTADA NO CIBERESPAÇO

Moniki Aguiar Mozzer Denucci (UENF)

moniki_denucci@hotmail.com

Fabrizia Miranda de Alvarenga Dias (UENF)

fabriziadias@hotmail.com

Liliane Barreto Alves (UENF)

lilianebarreto@gmail.com

Carlos Henrique Medeiros de Souza (UENF)

chmsouza@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo uma pesquisa acerca da linguagem, bem como o uso dos *emojis* e *emoticons* como forma de representar as emoções dentro do ciberespaço. Através do uso dos *emojis*, tem se formado uma nova construção de sentidos e formas de se comunicar, uma linguagem não verbal, esperada pelos interlocutores, compreendida e difundida inclusive, pelo público infantil. Assim, diante dessas comunicações não verbais que se configuram nos contatos virtuais, possibilitados por meio de aplicativos de mensagem instantânea, esta pesquisa se concentra em correlacionar os contextos de linguagem e sua evolução com a era tecnológica, as emoções representadas por esses *emojis* e o quanto isso pode vir a impactar positivamente em sala de aula, enquanto uma prática pedagógica.

Palavras-chave:

Emojis. TIC's. Práticas pedagógicas.

ABSTRACT

The present work has as its objective a research about language, as well as the use of emojis and emoticons as a way to represent emotions within cyberspace. Through the use of emojis, a new construction of meanings and ways of communicating has been formed, a non-verbal language, expected by interlocutors, understood and spread even by children. Thus, given these non-verbal communications that are configured in virtual contacts, made possible through instant messaging applications, this research focuses on correlating the language contexts and their evolution with the technological age, the emotions represented by these emojis and how much this can have a positive impact in the classroom, as a pedagogical practice.

Keywords:

Emojis. TIC's. Pedagogical Practices.

1. Introdução

A comunicação é considerada uma forma tão natural para o homem, a sociedade e o meio em que ele vive, um ato tão comum, que para

alguns pesquisadores e cientistas é inato. Porém, os mecanismos responsáveis pela comunicação são mais complexos do que parecem.

A aquisição da linguagem é uma grande conquista da humanidade, pois, se comunicar e expressar, inclusive culturalmente, permitiu que se originasse uma sociedade racional, da forma como se constitui hoje em dia. A linguagem é uma mímica motora e que precisará de produção do som para ser relacionada a outros indivíduos, fazendo parte de uma inserção social diária do indivíduo, abrangendo praticamente todas as esferas sociais, pois as pessoas se valem da comunicação e interação social para poderem se relacionar socialmente (Cf. ALMEIDA, 2009).

Desta forma, sendo a linguagem uma forma de comunicação limitada e tão necessária ao convívio em sociedade, que essa se desmembra em diversos tipos. Estando atrelada tanto verbalmente quanto não-verbal. Desse modo, a comunicação pode ser consolidada pelas relações sociais em diferentes esferas interacionais (verbal, visual, gestual, auditiva, entre outras) e ela advém da necessidade de comunicação em que a sociedade precisa para se manter ativa corrente.

Ademais, através dela segundo nos aponta Almeida (2009), através do uso da linguagem, pode-se transmitir informações, compartilhar experiências emocionais e intelectuais. Tendo assim, uma importante função interpessoal, de permitir a comunicação social, e a função intrapessoal, de permitir o pensamento, a formação e reconhecimento de conceitos, a deliberação de resolução de problemas atuando e refletindo na sua relação com a aprendizagem.

A linguagem é considerada a primeira forma de socialização entre as crianças, onde, antes mesmo de aprender a falar, a criança tem acesso a valores, crenças e regras, adquirindo assim, os conhecimentos de sua cultura, o que para Segundo Gomez e Terán (2014) é um momento em que se aprende a desempenhar uma série de papéis e assumir uma série de condutas.

Ainda dentro do contexto comunicacional, a emoção está conectada ao que sentimos. Segundo autores como Sequeira; Casanova; Matos; Silva; Cavaco e Henrique (2009), a palavra emoção tem sua origem etimológica do latim *exmovere*, que quer dizer “mover para fora”. E essa vem mostrar que os sentimentos não mais são do que o fato de colocar para fora o que se passa no nosso interior. A partir desse contexto os sentimentos nos dizem o que estamos experimentando e as sensações que is-

so nos causa, formando uma linguagem bem própria. Sob a fala dos sentimentos somos compelidos a ouvir a agir.

Falar de linguagem e emoções é uma tentativa de demonstrar os sentimentos e a maneira como relacionamos conosco mesmo, pois se a gente não consegue se comunicar conosco, não poderemos nos comunicar com os outros (Cf. VISCOTT, 1982). Assim, as emoções são as primeiras respostas às situações em mecanismos básicos que estão conectados as alterações na nossa fisiologia corporal, nas nossas vivencias e comportamentos.

Aliado à tecnologia, esses processos emocionais ligados ao nosso cotidiano e as formas de expressá-lo não poderiam ficar de fora. Comunicar é uma forma de transmitir a algo a alguém (Michaelis.uol), e sim, de externalizar sentimentos. Outrossim, quando falamos das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's), bem como do aplicativo de mensagens instantânea *WhatsApp*, comunicar-nos com os outros que estão longe, ou até mesmo perto, enquanto estamos no descanso, se movimentando ou trabalhando – em tempo real, se tornou parte da vida do mundo contemporâneo (Cf. ARAGÃO, 2017).

Ainda de acordo com Aragão (2017), o rápido desenvolvimento das tecnologias de acesso móveis, tornou-se possível logo que tivéssemos em um único aparelho, como os *smartphone*, “convergência de imagem, som e texto escrito como conectividade sem fio à internet”, o que passou a gerar informação e comunicação multimodal de forma contínua, em qualquer hora e lugar. Dessa forma, um aparelho conectado à internet permite a expansão da cultura da mobilidade comunicativa.

Destarte, nessa forma de comunicar temos os *Emojis*, uma alternativa à dentro das possibilidades de mensagens que o aplicativo pode proporcionar. Os *Emojis*, não surgiram do nada, e vieram muito antes da criação do *WhatsApp*. Segundo Marques (2018), a ideia veio do japonês *Shigetaka Kurita* que usou pixels coloridos para criar 176 elementos do cotidiano. E denominou como *Emojis* em uma fusão das palavras em japonês “e” (imagem) e “moji” (personagem). E esses desenhos que em 2008, já eram uma febre entre os japoneses, começaram bem simples em 1999 e atualmente fazem sucesso entre os povos das mais diversas faixas etárias.

Assim, com a evolução e o sucesso dos *emojis*, o tradicional dicionário da universidade de Oxford, elegeu em 2015, um *emoji* como a palavra do ano, sendo o desenho escolhido a carinha mais usadas pelos

britânicos naquele ano. Os *emojis* que começaram com simples e as mais básicas expressões faciais, atualmente segundo o *site* tek.sapo.pt em 2009, foram adicionados 3.019 símbolos, entre emoções e expressões faciais até sinais semáforos, corações e símbolos de reciclagem. O interessante é que segundo o *site* statista.com estima-se que mais de 700 milhões de *emojis* são utilizados por dia e no *ranking* dos mais utilizados, encontra-se a “face de gargalhada com lágrimas de felicidade”, o coração vermelho, o *emoji* que simboliza o “cocô” e o beijinho “xi-coração” (Cf. MARQUES, 2018).

Dessa forma, se com um *smartphone* conectado à *internet* podemos expandir nossa cultura, como nos afirma Aragão (2017), também podemos versar sobre o impacto que essa tecnologia pode promover nas práticas pedagógicas, com a utilização dos *emojis*, que transmitem sentimentos e modalidades que se encaixam nas mais diversas culturas e sociedades e sentimentos.

Portanto, o uso de tecnologias móveis de informação e comunicação é uma parte que se encontra comumente no cotidiano de professores e estudantes. Assim, as redes atravessam constantemente as paredes e as tecnologias móveis têm impacto no nosso jeito de ser, agir, conhecer e sentir (Cf. SIBILIA, 2012). No que tange aos conceitos como espaço/tempo, intimidade/privacidade e ausência/presença, estes, têm sofrido deslocamentos e ressignificações (Cf. COSTA, 2013; PEGRUM, 2014; SANTAELLA, 2014).

Por conseguinte, o objetivo desse trabalho é promover uma reflexão acerca do uso dos *emojis* como uma possibilidade dentro das práticas pedagógicas, com o intuito de promoção da estimulação da linguagem, emoção e compreensão das ações diárias, podendo ser um importante recurso pedagógico oriundo da tecnologia nas práticas educacionais.

2. Referencial teórico

2.1. Linguagem e tecnologia: o acesso infantil ao ciberespaço

A linguagem é uma das experiências que está presente no desenvolvimento infantil, pois segundo Silva & Diedrich (2013), “a infância é a origem da linguagem e a linguagem é a origem da infância” e só será possível através da interação com o outro. Desta forma, a linguagem é

primordial para os contextos sociais, sendo esses, essenciais para as manifestações comunicacionais.

Mediante ao crescente número de crianças com o acesso à tecnologia, é necessário discutir a relação da criança com as tecnologias. O público infantil e infantojuvenil, em relação aos adultos, aqueles que entraram em contato com o computador tardiamente, apresentam uma menor desenvoltura com esses aparatos. Assim, de acordo com Oliveira & Villardi (2006) as crianças, são livres da necessidade que os adultos têm de “desaprender” coisas estabelecidas há muito tempo. Elas mergulham de forma deslumbrada e curiosa no ciberespaço.

Ademais, nos últimos anos as crianças desde bebês estão em contato com as tecnologias, principalmente do *smartphones*, que estão ao alcance das mãos. Assim, a criança é distraída com vídeos, jogos e outros aplicativos, acostumando-se com seu uso (Cf. FREIRE; SIQUEIRA, 2019). Os costumes familiares foram se modificando, a tecnologia entra nesse contexto fazendo com que cada integrante da família possua sua televisão, cada um conectado na internet e interagindo com outras pessoas que não estejam no contexto familiar. Nesse contexto, a interação física aos poucos se torna cada vez mais escassa, e as crianças e os adolescentes dependem da tecnologia muitas horas por dia (Cf. PAIVA; COSTA, 2015).

Ao longo do tempo várias mudanças ocorreram nos indivíduos, tanto físicas quanto cognitivas, que desenvolvem a linguagem, personalidade, entre outros. Essas mudanças ocorrem do início ao fim da vida. São mais críticas na primeira fase da infância e dependem da interação da criança com o meio em que vive, o que moldará a identidade desse indivíduo (Cf. GERRING; ZIMBARDO, 2005). Segundo Craidy & Kaercher (2001), o desenvolvimento ocorre simultaneamente, e na infância é um processo dinâmico, onde as crianças recebem muitas informações e assim, tentam absorver tudo que está em sua volta gerando transformações a cada fase. Outrossim, para Fonseca (1995), a aprendizagem, constitui uma mudança de comportamento resultante de uma experiência e essa mudança de comportamento assume várias características detendo uma resposta modificada, estável e durável, interiorizada e consolidada no próprio cérebro do indivíduo.

As aprendizagens realizadas com o auxílio do computador, e em ambientes colaborativos de aprendizagem, como pode ocorrer no ensino EAD (educação a distância), reforçam a ideia de que o conhecimento se

constrói de forma compartilhada e de que isto tem forte efeito motivador para as crianças (Cf. OLIVEIRA; VILLARDI, 2006).

O ciberespaço, definido como um mundo virtual porque está presente em potência, é um espaço desterritorializante. Um mundo que não é palpável, e que existe em outra realidade, ou seja, o ciberespaço, ou espaço virtual é também espaço, guardando características de ambiente, no que se refere à sua capacidade de interferir na produção e reprodução da cultura. Sendo espaço, é também lugar.

Em síntese, é assim, possível perceber que a aprendizagem no Ciberespaço propicia, de forma progressiva, todas as formas de interação (desde a síncrona, quando o grupo interage ao mesmo tempo, mesmo que de lugares diferentes, como nas salas de aula virtuais; até a assíncrona, em que a interação ocorre em diferentes tempos e lugares – como nos fóruns e nas listas de discussão), permitindo sempre o encontro educacional pleno (Cf. OLIVEIRA; VILLARDI, 2006).

2.2. Os Emojis e sua representação no ciberespaço

A linguagem é um sistema adaptativo moderno e a língua, é um sistema complexo e está sempre em transformação. A língua, como todo sistema, muda no tempo e no espaço. Efetivamente, a interação sempre foi multimodal. Usamos palavras, entonação, expressões faciais, e gestos para interagir com os outros. De acordo com as pesquisas de Kress (2010, p. 5), “os gestos estão presentes em todas as culturas, mesmo que em formas bastante diferentes” e deste modo, sabemos que as imagens aparecem na comunicação humana desde a pré-história.

Ao longo dos anos muitas mudanças foram ocorrendo na dinâmica da escrita e com o advento das tecnologias digitais, os pictogramas (representação por meio de uma figura), ideogramas (figuras ou símbolos que representam uma ideia ou conceito abstrato) e logograma (é um símbolo que representa uma palavra) (Cf. STERNBERGH, 2014), ganharam sua versão digital.

No que tange ao crescimento tecnológico, a evolução da língua tem também a sua interação com a tecnologia, pois a língua que usamos para nos comunicar com os outros tende a ser mais maleável do que a da escrita formal, estando sujeita a combinação do informal, da comunicação pessoal e a da plateia de massa propiciada pelas mídias sociais (Cf. REED, 2014).

Assim os *emojis* também se modificam conforme a tecnologia se expande e alcança as massas. Ele precisou de adaptar e encaixar nos diversos contextos e culturas, passando a representar diversos contextos comunicativos e se tornando representativo em várias redes sociais. Destarte, Paiva (2015), corroborando com todas as novidades na comunicação escrita, utilizam-se de três tipos de figuras: os *emoticons*, que são representações tipográficas de expressões faciais, como :) que se transforma automaticamente em ☺ pelo editor de texto Microsoft Word, e os *emojis*, que são gravuras produzidas com a tecnologia criada por um grupo sem fins lucrativos denominado Consórcio UNICODE e os *Stickers*, figurinhas disponíveis em algumas plataformas como o *Facebook*, por exemplo.

Em virtude de sua usualidade e popularidade, provavelmente, os *emojis* não têm um nome oficial, mas apelidos dados pelos usuários. Nesse contexto, por exemplo, o *emoji* de alegria, que foi considerado a palavra do ano de 2015, é também chamado “rosto com lágrimas de alegria” ou “chorando de rir” (Cf. STERNBERGH, 2014).

Cada vez mais, usuários de *smartphones* tem enviado mais desenhos e determinando que surjam mais *emojis* que se adequem às suas demandas. Em 2014, Porter, publicou seu artigo no *Wall Street Journal*, ela relatava uma campanha para a inclusão de um *emoji* de cachorro-quente e outra para a inclusão de no mínimo quatro rostos com tons de pele diferentes. Atualmente esses *emojis* estão disponíveis tanto para Android, quanto IOS. Desta forma, quando escolhemos *emojis* com rostos de pessoas, aparecem opções de cores de pele, somente quando o *emoji* faz referência ao *smile*, só aparecem na cor amarela (Cf. PAIVA, 2016).

Assim, os *emojis* podem segundo nos aponta Sternbergh (2014), podem funcionar como pictogramas e como ideogramas, exemplificando com os pictogramas de berinjela e pêssego que são, ao mesmo tempo, utilizados com conotação sexual. E de certa forma, os *emojis* podem ter variações culturais, e pode sofrer limitações contextuais.

Eles podem ser inseridos em contextos de pensamentos completos, ou em uma sequência de *emojis* pode seguir uma ordem linear de tempo e ações, e posicionamento e atitudes podem aparecer antes do fato, como a exemplo o *emoji* que chora e em seguida um coração quebrado, representando uma decepção. *Emojis* podem substituir palavras, expressar sentimentos, denominar ideias e atitudes. Indicar afeto, expressar ironia e até intensificar um sentimento. Deste modo como nos aponta Paiva

(2016), usar os *emojis* segue uma tentativa de transmitir mais sentido de forma econômica em determinados contextos de interação, e nesse contexto, imagens são sempre mais fortes e é muito mais fácil enviar um coração pulsando do que dizer para um amigo “eu te amo” (Cf. PAIVA, 2016).

Contudo, práticas sociais de linguagem acontecem de formas complexas e de acordo com as inter-relações dos diversos agentes e dos seus modos de produção de sentido e das tecnologias que são mediadoras dessas práticas. Por fim, a linguagem, como sempre foi na história do mundo, está em constante mudança e vai se adaptando às concessões e as restrições que demandam das tecnologias digitais e da interação com o mundo e a globalização.

2.3. Emojis, emoções e práticas pedagógicas

As emoções fazem parte da nossa vida. Desde o nascimento já nos valem dela para os processos comunicativos. Um bebê recém-nascido, por exemplo, se utiliza do seu choro para se comunicar. É assim, o momento em que ele começa a se conectar com as pessoas ao seu redor, mantendo relações de interação e troca.

Charles Darwin (1872) defende que as emoções são um fruto de um processo evolutivo que nos garante sobrevivência. O que implicaria em exibir a reação adequada ao momento adequado. Paul Ekman, um psicólogo norte americano, realizou experimentos com pessoas em diversos países. Ele buscou verificar os sinais faciais exibidos por esses indivíduos e se eles eram os mesmos quando experimentavam uma emoção.

É relevante mencionarmos que em seus experimentos, Ekman obteve como objeto de estudo uma tribo em Nova Guiné, na Oceania, isolada das influências midiáticas, uma tribo que vivia na idade da pedra, sem acesso a nenhuma tecnologia, e ele pode constatar que a expressão facial de seis emoções básicas se mostraria as mesmas em toda a espécie humana, independentemente de sua cultura, sendo a mesma alegria, tristeza, medo, surpresa, aversão e raiva (Cf. EKMAN, 1972).

Em uma definição mais ampla, a emoção, seria um impulso neural que movimenta o organismo para uma ação. Outrossim, a emoção se diferencia do sentimento, pois esses são informações que seres biológicos são capazes de sentir nas situações que vivenciam e

presenciam, sendo por outro lado, emoções filtradas através dos centros cognitivos do cérebro, mais precisamente o lobo frontal, assim, poderíamos dizer que os sentimentos são uma consequência da emoção só que de forma mais durável (Cf. CASANOVA; SIQUEIRA; SILVA, 2009).

No mesmo ponto, quando falamos de tecnologias, sua popularização e a comunicação mediada por computador ou os *smartphones*, trouxeram um novo desafio linguístico e comunicacional para a sociedade, por exemplo como entonar frases e expressar sentimentos através de palavras sem comprometer o sentido do processo de comunicação (Cf. PAIVA; BISPO, 2017).

Desafio esse, que os *emojis* conseguem cumprir de forma universal, mas como nos afirma Paiva e Bispo (2017), embora haja uma facilitação na expressão comunicativa de sentimentos, os *emojis* ainda são símbolos que podem ser interpretados de diversas formas de acordo com a percepção e olhar do emissor e receptor, o que dessa forma se torna um indicativo cultural já que o entendimento de um determinado símbolo dependerá do significado comum atribuído a ele.

E partindo do pressuposto que essa nova forma de linguagem é flexível e pode se moldar de acordo com a necessidade e momentos sociais e de determinados grupos. Esse trabalho busca uma conversa entre a tecnologia e as formas de linguagem que surgem com as demandas tecnológicas e a importância de serem práticas em sala de aula, podendo assim, configurar um auxílio no ensino ao conteúdo didático proposto em sala.

Como utilizar *emojis* para essa prática? O que vale a princípio, é uma explanação sobre seus significados e emoções. Assim, a partir desse reconhecimento os *emojis* poderiam ser utilizados em diversos contextos, desde a educação infantil até o ensino médio.

No ensino contemporâneo, o que nos instiga e desafia, inclusive ao professor, é fazer com que o aluno tenha uma participação ativa nas discussões, nos processos de aprendizagem, sendo autor desse. Porém, o que vislumbramos são problemas referente às práticas pedagógicas, que inferem muitas vezes em momentos pouco lúdicos ou com poucas inserções das tecnologias. O fato é que utilizar os *emojis* em muitos momentos nem precisa de acesso às redes sociais e ou uso de internet. A sua própria representação e identificação já instalada no contexto social

ou a sua explanação e fácil entendimento já podem ser auxílios significativos para esse processo.

Por fim, as práticas vivenciadas pelas TIC's têm nos proporcionado uma infinidade de ideias e fomentam a criatividade. Essa, de grande importância dentro do contexto educacional. Professores e profissionais da educação precisam de um arsenal de ideias para que o conteúdo não se torne cansativo e pouco atrativo para educandos.

3. Metodologia e análise de resultados

A presente pesquisa foi desenvolvida por meio de estudo com formato qualitativo e descritivo, abrangendo a revisão sistemática da literatura que retrata os aspectos das tecnologias e a história e o uso dos *emojis* como uma demanda das TIC's e vislumbra esse acesso nas práticas pedagógicas. O objetivo da compreensão do sujeito e suas relações sociais, dentro do contexto ao qual faz parte e uma pesquisa descritiva, trata-se do estudo e da descrição das características, propriedades ou relações existentes na educação básica em relação às novas tecnologias e a utilização dos *emojis* enquanto uma auxiliar nessas práticas sendo uma forma de emoções no ciberespaço. Os Critérios de avaliação foram a seleção de artigos com buscas feitas – As buscas foram realizadas em três bases de dados bibliográficos: Scielo, Web of Science e Google Acadêmico e livros com nomes de referência em pesquisa na área de linguagem, desenvolvimento infantil, tecnologia, comunicação e linguística. Para a elaboração do texto foram utilizados conceitos de diferentes autores, apoderando-se da versatilidade, pontualidade e qualidade informacional da pesquisa bibliográfica que proporcionou pelo meio virtual a construção deste artigo.

4. Considerações finais

Pensar em formas de aliar tecnologia e sala de aula não é uma novidade. Muitos são os trabalhos disponíveis e de excelente qualidade. Porém, é mais que necessário pensarmos e viabilizarmos, usar a tecnologia e todo o aprendizado que ela nos proporciona de forma acessível. Visto que muitas demandas ainda não possuem o acesso total aos aparatos tecnológicos. Como ela se faz presente na vida de milhares de pessoas, torna-se um conhecimento que mesmo que não seja possível que as pessoas tenham o acesso físico de paramentos tecnológicos, elas

acabam mesmo que por osmose conhecendo essas tecnologias e isso de certa forma passa a fazer parte do seu cotidiano.

Esse trabalho buscou demonstrar ainda que de forma resumida que mesmo sem aparatos tecnológicos e sem o uso deles, pode-se utilizar dos objetos oriundos dela, assim como os *emojis* e inseri-los em diversas práticas, trazendo assim, à luz da sala de aula elementos tecnológicos e lúdicos, contribuindo para o enriquecimento pedagógico e o desenvolvimento das diversas aprendizagens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Martins Norma de. *Aprendizagem normal e prejudicada*. São Paulo: Santos, 2009.

ARAGÃO, Camargo Rodrigo. Emoções e ações de professores ao falar inglês no WhatsApp. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 17, n. 1, p. 83-112, enero-marzo, 2017, Universidade Federal de Minas Gerais Belo Horizonte, Brasil.

CASANOVA, Nuno; SIQUEIRA, Sara. *Emoções*. Monografia (para a disciplina de Psicologia Geral, no curso de Psicologia do Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes) – Portugal, 2009. Disponível no site www.psicologia.com.pt/oportalDOSpsicologos. Acesso em: 05 de março de 2020.

COSTA, Giselda dos santos. *Mobile Learning: explorando potencialidades com o uso do celular no ensino aprendizagem de língua inglesa como língua estrangeira com alunos da escola pública*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2013.

CRAIDY, M; KAERCHER, Gládis. E. *Educação infantil: pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed, 2001.

DARWIN, Charles. *Expressão das emoções em homens e animais*. 1872.

FONSECA, Vitor. Uma introdução às dificuldades de aprendizagem. Rio de Janeiro: Artmed, 1995.

FREIRE, Claudia.; SIQUEIRA, Alessandra Cardoso. Influência da tecnologia no desenvolvimento infantil. *Revista FAROL*, v. 8, n. 8, p. 22-39, Rolim de Moura-RO, jun./2019

GERRING, R. J.; ZIMBERDO, P. G. *A Psicologia e a Vida*. 16. ed. Porto Alegre: Iacobé, 2005.

KRESS, Gunther. *Multimodality: A Social Semiotic Approach to Contemporary Communication*. London and New York: Routledge. 2010.

OLIVEIRA, Eloisa de Silva Gomes; VILLARDI, Raquel Marques. Infância e a Modernidade do Ciberespaço: os Desafios da Interação entre Criança e Computador. *Informática na educação: teoria & prática*. v. 9, n. 1, Porto Alegre, jan./jun. 2006.

PAIVA, Ana Lorena Nascimento; BISPO, Ronaldo. Emojis, as emoções representadas graficamente no ciberespaço. *Anais Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste*. Fortaleza-CE – 29/06 a 01/07/2017. Acesso em: 12 de março de 2020.

PAIVA, Vera Lucia Menezes de Oliveira. A influência da tecnologia na infância: desenvolvimento ou ameaça?. *Psicologia: O portal dos psicólogos*. 2015.

PAIVA, Vera Lucia Menezes de Oliveira. Linguagem dos Emojis. 2015 *Trab. Ling. Aplic.*, n. (55.2), p. 379-99, Campinas, mai./ago. 2016.

REED, Jon. How Social Media is Changing Language. *Oxford Dictionaries: language matters*. 2014. Acesso em: 15 março 2020.

SANTAELLA, Lucia. Aprendizagem ubíqua no contexto da educação aberta. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, v. 14, p. 15-22, São Cristóvão-SE, 2014. Disponível em: Acesso em: 02 março 2020.

SIBILIA, Paula. *Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, Carmem Luci da Costa; DIEDRICH, Marlene Sandra. A experiência da criança da linguagem. *Revista Prolíngua*, 2013.

STERNBERGH, Adam. *Smile, You're Speaking Emoji: therapid evolution of a wordless tongue*. New York News & Politics, 2014.